

2 O projeto tractatiano

*Nothing to be done.*¹⁸

Samuel Beckett

*O valor deste trabalho consiste (...) em mostrar
como importa pouco resolver esses problemas [filosóficos].*¹⁹

Ludwig Wittgenstein

2.1 Uma crítica da linguagem

No prefácio do *Tractatus Logico-Philosophicus*, Wittgenstein anuncia que “O livro pretende (...) traçar um limite para o pensar, ou melhor – não para o pensar, mas para a expressão dos pensamentos: a fim de traçar um limite para o pensar, deveríamos poder pensar os dois lados desse limite (deveríamos, portanto, poder pensar o que não pode ser pensado)”.²⁰ (*TLP*, p. 131). Evidencia-se nesta passagem uma preocupação com a relação entre linguagem, pensamento e realidade. Enquanto para Frege o pensamento é o sentido proposicional, para Wittgenstein o pensamento é a “figuração lógica dos fatos”.²¹ (*TLP*, 3).

Frege faz uma distinção entre pensamento e representação. O pensamento não pertence a um espírito particular, mas antes ao espírito ele mesmo. Já a representação é uma propriedade do espírito individual. Dada a obscuridade, a ambigüidade e a irregularidade da linguagem ordinária, Frege irá conceber uma conceitografia (*Begriffsschrift*²²). O objetivo é que ela seja uma linguagem que

¹⁸ Cf. BECKETT, 1990, p. 11. Minha tradução: “Nada a ser feito.”

¹⁹ Cf. *TLP*, p. 132-3. Original: “so besteht nun der Wert dieser Arbeit (...) darin, daß sie zeigt, wie wenig damit getan ist, daß diese Probleme gelöst sind.”

²⁰ Original: “Das Buch will (...) dem Denken eine Grenze ziehen, oder vielmehr – nicht dem Denken, sondern dem Ausdruck der Gedanken: Denn um dem Denken eine Grenze zu ziehen, müßten wir beide Seiten dieser Grenze denken können (wir müßten also denken können, was sich nicht denken läßt). (*TLP*, Vorwort).”

²¹ Original: “Das logische Bild der Tatsachen.”

²² Os termos *Begriff* e *Schrift* significam, respectivamente, em alemão ‘conceito’ e ‘grafia’/‘notação’.

reflita perfeitamente a estrutura do pensamento sem que introduza nenhum elemento que seja estranho à natureza desta. “Il s’agit d’un langage dont on pourrait dire que, puisqu’il représente le logique à l’état pur, il est représentatif de ce qui appartient à l’esprit, considéré tant que tel, et non aux esprits”²³. (BOUVERESSE, 2002, p. 10). Com esta linguagem torna-se mais fácil separar rigorosamente o que diz respeito à lógica e o que diz respeito à psicologia. As leis da lógica são leis não do nosso pensamento ou raciocínio, mas sim normas constitutivas de todo e qualquer pensamento. Em *Leis básicas da Aritmética*, o filósofo alemão indica a falta de sentido da possibilidade de existirem seres que formulem juízos que contrariem as leis da lógica, como a lei de identidade, por exemplo. “Anyone who understands laws of logic to be laws that prescribe the way in which one ought to think – to be the laws of truth, and not natural laws of human beings’ taking a thing to be true – will ask, who is right? Whose laws of taking-to-be-true are in accord with the laws of truth?”²⁴ (FREGE, 1964, p. 14). Estaria interdito, neste caso, ao psicologista inquirir isso, pois estaria pressupondo a existência de leis de verdade que não são leis da psicologia. Afinal,

se é correta a concepção psicologista, isto é, se as leis da lógica descrevem as operações inferenciais básicas de *nossa* mente, então não está interdita a possibilidade de existirem seres cujas operações mentais sejam regidas por princípios radicalmente distintos daqueles que regem as nossas, e assim, que formulem juízos, pensem ou raciocinem violando sistematicamente as leis da lógica (ou, para dar voz ao lógico psicologista, violando sistematicamente as leis de *nossa* lógica) (...). Se as leis da lógica são “leis naturais do tomar por verdadeiro” (...), isto é, se elas não são válidas atemporal e universalmente, mas sim válidas apenas para seres que reconhecem a verdade tal como nós o fazemos, então, conclui Frege, devo admitir que faz sentido a hipótese de existirem seres que pensem ou raciocinem segundo leis lógicas que contradizem as nossas. E diante de tais seres, continua ele, ao lógico psicologista estaria interdito perguntar quem está certo e quem está errado, isto é, que “leis do tomar por verdadeiro estão de acordo com as leis da verdade” (...), pois, se levantasse tais questões, ele estaria ao mesmo tempo reconhecendo a existência de leis da verdade que não são apenas generalizações de operações inferenciais da mente. Ao lógico de orientação psicologista só restaria reconhecer que há um desacordo entre o nosso modo de pensar e o desses seres, apenas reconhecer que certas leis do pensamento (como o princípio de identidade, por exemplo) são válidas para nós e descrevem o modo como *nós* pensamos, ao passo que outras leis do pensamento (radicalmente

²³ Minha tradução: “Se trata de uma linguagem da qual nós podemos dizer que, já que ela representa a lógica em seu estado puro, ela é representativa daquilo que pertence ao espírito, considerado enquanto tal, e não aos espíritos”.

²⁴ Minha tradução: “Qualquer um que entenda as leis da lógica como sendo leis que prescrevem a maneira segundo a qual alguém deve pensar – como sendo as leis de verdade, e não leis naturais dos seres humanos de tomar uma coisa por verdadeira – irá perguntar, quem está certo? As leis de tomar-por-verdade de quem estão de acordo com as leis de verdade?”.

distintas das nossas) são válidas para estes seres e descrevem o modo como os mesmos pensam ou raciocinam. (ROSA, 2010, p. 2-3).

Frege fornece dois exemplos para elucidar o princípio de identidade. Eles são: ‘It is impossible for people in the year 1893 to acknowledge an object as being different from itself?’ e ‘Every object is identical with itself?’²⁵. (FREGE, 1964, p. 14). Segundo o autor,

The former law concerns human beings and contains a temporal reference; in the latter there is no talk either of human beings or of time. The latter is a law of truth, the former a law of people’s taking-to-be-true. The content of the two is wholly different and they are independent of one another; neither can be inferred from the other²⁶. (FREGE, 1964, p. 14-15).

Diante disso, fica a questão: Por que e com que direito reconhecemos uma lei da lógica como verdadeira? A lógica pode respondê-la apenas reduzindo-a a outra lei da lógica. Quando isso não é possível, ela não pode dar uma resposta.

La raison de cela est qu’elles [les distinctions logiques] sont nécessairement présupposées dans l’expression de n’importe quelle espèce de pensée et ne peuvent par conséquent faire à leur tour l’objet de pensées spéciales qui seraient susceptibles, comme doit l’être toute pensée, d’être vraies ou fausses. Il semble donc que la pensée possède des caractéristiques essentielles qui ne peuvent devenir elles-mêmes des objets de pensée.²⁷ (BOUVERESSE, 2002, p. 10).

Assim como Frege²⁸, Wittgenstein também defende a idéia de que existe um abismo entre a gramática ordinária e a forma lógica da linguagem. Não é raro que uma mesma palavra possa designar de maneiras diferentes ou que duas palavras diferentes sejam empregadas do mesmo modo. Um exemplo lapidar do primeiro caso é o verbo ‘ser’ que pode aparecer como cópula, sinal de igualdade

²⁵ ‘É impossível para pessoas no ano de 1893 reconhecerem um objeto como sendo diferente dele mesmo?’ e ‘Todo objeto é idêntico a ele mesmo?’.

²⁶ Minha tradução: “A primeira lei concerne os seres humanos e contém uma referência temporal, na última não há referência nem a seres humanos, nem ao tempo. A última é uma lei de verdade, a primeira uma lei de tomar-por-verdade das pessoas. O conteúdo das duas é completamente diferente e elas são independentes uma da outra; nem podem ser inferidas da outra”.

²⁷ Minha tradução: “A razão disso é que elas [as distinções lógicas] são necessariamente pressupostas na expressão de não importa qual espécie de pensamento e não podem, portanto, ser por sua vez objeto de pensamentos especiais que seriam suscetíveis, como deve ser todo pensamento, de ser verdadeiros ou falsos. Parece por isso que o pensamento possui características essenciais que não podem se tornar elas mesmas objetos de pensamento”.

²⁸ E também Russell. Segundo este, a forma lógica aparente da proposição não coincide necessariamente com sua forma lógica real. Cf. Teoria das descrições. In: “On Denoting”. Na proposição 4.0031 do *Tractatus*, lê-se: “O mérito de Russell é ter mostrado que a forma lógica aparente da proposição pode não ser sua forma lógica real”.

ou expressar existência. Também poderíamos usar como exemplo a proposição ‘Linda é linda’. A primeira ocorrência de ‘Linda’ é o nome de um sujeito e na segunda trata-se de um adjetivo. Cabe ressaltar que não são apenas significados diferentes, mas também símbolos diferentes, ou seja, desempenham funções distintas. Esse abismo dá margem às “confusões mais fundamentais” que são, inclusive, aquelas de que, segundo Wittgenstein, a filosofia está repleta. (*TLP*, 3.324). O valor do *Tractatus* consiste também em “mostrar como importa pouco resolver” os problemas filosóficos. (*TLP*, p. 133). Para ele, trata-se de esclarecer a má formulação de tais problemas, decorrente do que denomina de uma má compreensão da estrutura essencial da linguagem. No *Tractatus*, as relações entre lógica e filosofia serão expressas de modo singular a partir de um estudo sobre o alcance representativo da linguagem, sobre o limite para a expressão dos pensamentos.

Rompendo com a visão segundo a qual a relação entre linguagem e pensamento é externa, Wittgenstein defende que

A linguagem é um traje que disfarça o pensamento. E, na verdade, de um modo tal que não se pode inferir, da forma exterior do traje, a forma do pensamento trajado; isso porque a forma exterior do traje foi constituída segundo fins inteiramente diferentes de tornar reconhecível a forma do corpo.²⁹ (*TLP*, 4.002).

A concepção fregiana de lógica “as a description of the laws of truth and as accordingly determining the normative laws of thinking took logical investigation to be a sublime quest after the laws governing the relations of *all* thoughts, no matter what their subject matter”³⁰. (HACKER, 2005b, p. 191). Adotando uma notação conceitual governada pela sintaxe lógica, poder-se-ia clarificar as confusões geradas pelo abismo entre a linguagem ordinária e a forma lógica da linguagem. A *Begriffsschrift* fregiana ou mesmo a notação russelliana, embora sejam linguagens com estas pretensões, não chegam, segundo Wittgenstein, a eliminar todos os equívocos. Além disso, o que o autor do *Tractatus* está tentando especificar são as condições que devem ser satisfeitas por qualquer linguagem,

²⁹ Original: “Die Sprache verkleidet den Gedanken. Und zwar so, daß man nach der äußeren Form des Kleides nicht auf die Form des bekleideten Gedankens schließen kann; weil die äußere Form des Kleides nach ganz anderen Zwecken gebildet ist, als danach, die Form des Körpers erkennen zu lassen.”

³⁰ Minha tradução: “como uma descrição das leis de verdade e como determinando por conseguinte as leis normativas do pensamento levou a investigação lógica a ser uma busca sublime pelas leis que regem as relações de *todos* os pensamentos, não importando qual seja seu assunto”.

uma vez que, para ele, toda linguagem é logicamente perfeita, “todas as proposições de nossa linguagem corrente estão logicamente, assim como estão, em perfeita ordem”. (*TLP*, 5.5563). Está buscando revelar, então, “the underlying logical structure of any possible language”.³¹ (HACKER, 1986, p. 17). Ou seja, “He wants to bring out in the *Tractatus* that philosophy and logic have to do not with a special realm of objects but with the necessary features of language – that is to say of any language whatsoever”.³² (MCGUINNESS, 2002, p. 86).

Wittgenstein foi alvo de uma má compreensão do conteúdo fundamental do *Tractatus* por parte de Russell. Segundo Hacker³³, a passagem, na proposição 3.325, em que Wittgenstein menciona a necessidade do emprego de uma notação que exclua as confusões já referidas e obedeça à gramática lógica teria sido a fonte da leitura equivocada. Russell teria negligenciado os comentários de Wittgenstein a respeito de nossa linguagem ser logicamente perfeita e acreditado que o filósofo austríaco buscava condições que deveriam ser satisfeitas por uma ideal linguagem logicamente perfeita. Na verdade, a concepção tractatiana de

logic as transcendental, as a condition of the possibility of thought and linguistic representation, similarly took logical investigation to be an investigation into the essence of the world. Analysis would disclose the essence of all things. On that conception, logic is not an ideal, but is the deeply buried structure of any possible language, which can be disclosed by analysis.³⁴ (HACKER, 2005b, p. 191).

Herdada de Russell por Wittgenstein, será central no *Tractatus* a idéia de que a filosofia é a análise lógica de proposições. Ou seja, a decomposição de proposições compostas em proposições mais simples denominadas proposições atômicas ou elementares, as quais são logicamente independentes umas das outras e asserem a existência de um estado de coisas.

³¹ Minha tradução: “a estrutura lógica subjacente de qualquer linguagem possível”.

³² Minha tradução: “Ele quer mostrar no *Tractatus* que a filosofia e a lógica têm a ver não com um reino especial de objetos, mas com as características necessárias da linguagem – ou seja, de qualquer linguagem que seja”.

³³ Hacker indica que F. P. Ramsey já havia apontado isto em sua *review* do *Tractatus* de 1923, que foi reimpressa em *Foundations of Mathematics* (RAMSEY, 1950). Cf. HACKER, 1986, p.16.

³⁴ Minha tradução: “lógica como transcendental, como uma condição de possibilidade do pensamento e da representação linguística, similarmente levou a investigação lógica a ser uma investigação sobre a essência do mundo. A análise revelaria a essência de todas as coisas. Nesta concepção, a lógica não é um ideal, mas é a estrutura profundamente oculta de qualquer linguagem possível, a qual pode ser revelada pela análise”.

Segundo Wittgenstein, para que uma figuração possa afigurar a realidade ³⁵, ambas precisam ter a mesma forma. Existe um isomorfismo entre a linguagem e a realidade sem o qual a primeira não poderia afigurar a segunda seja correta ou falsamente. A possibilidade desta disjunção ocorre devido à figuração representar seu objeto de fora, apesar de não poder colocar-se fora de sua forma de representação. ³⁶ A forma lógica da afiguração é, portanto, a forma da realidade.

De acordo com a proposição 4.024, “entender uma proposição significa saber o que é o caso se ela for verdadeira”. ³⁷ Dizer que duas coisas são idênticas é um contra-senso (*unsinnig*). Afinal, se são completamente idênticas, não são duas, mas a mesma. Por outro lado, dizer que uma coisa é idêntica a si mesma é não dizer nada. Cabe, diante disso, delimitar melhor as fronteiras entre sentido, sem-sentido (*sinnlos*) – que será introduzido oportunamente - e absurdo (*unsinnig*).

Antes, contudo, é importante indicar o contexto em que isso será feito no *Tractatus*. Wittgenstein busca traçar os limites para a expressão dos pensamentos através da investigação das relações entre linguagem, pensamento e realidade. Seu interesse pela legitimidade do que se pode pensar e dizer irá alinhá-lo à tradição crítica. Contudo, esta circunscreve epistemologicamente os limites cognitivos, fundando-os na natureza dos instrumentos que o sujeito dispõe, o que será alvo de rejeição por parte de Wittgenstein, uma vez que ele pretende fazer total abstração da natureza do sujeito que representa. Posiciona-se dessa forma não porque negue a submissão a condições subjetivas, mas porque acredita que se uma proposição tem uma forma essencial, “sua mera consideração poderia bastar para a determinação do que nenhuma representação proposicional seria capaz de representar”. (SANTOS, 2008, p. 17). Opondo-se ao conceito tradicional de filosofia “como espécie particular de conhecimento representativo” e sua pretensão “de partilhar com as ciências empíricas o território do saber teórico” (SANTOS, 2008, p. 15), Wittgenstein dirige sua atenção para as condições objetivas de instituição de uma relação de representação. Pode-se dizer que sua preocupação no que concerne aos limites do conhecimento (limites para o discurso dotado de sentido) o aproxima da tradição crítica, mas o modo como opta por responder a essas questões o afastará da mesma, alinhando-o à tradição lógica.

³⁵ Lembrando que, para Wittgenstein, o pensamento é a figuração lógica dos fatos. Cf. *TLP*. 3.

³⁶ Cf. *TLP*, 2.173 e 2.174.

³⁷ Original: “Einen Satz verstehen, heißt, wissen was der Fall ist, wenn er wahr ist”.

Esta, por sua vez, dedica-se ao domínio do *logos apophantikos*, que diz respeito às frases declarativas. Segundo Aristóteles, em *De Interpretatione*, “nem toda frase é declarativa, mas apenas aquela em que ocorre pretender dizer o verdadeiro e o falso”. (ARISTÓTELES, 2000, 16b 33). As outras frases com sentido, como a prece, cabem aos discursos que não erguem pretensão de verdade, ou seja, os não-declarativos, os quais Aristóteles vinculou à retórica e à poética. A escolha do domínio declarativo por Wittgenstein e seu foco nas condições objetivas de representação são indícios de sua “incorporação do estilo lógico de reflexão à tradição crítica”, caracterização que “completa a definição do projeto lógico do *Tractatus*.” (SANTOS, 2008, p. 16).

Delimitado este contexto, cabe retornar à questão da figuração da realidade. Wittgenstein terá em Frege um estímulo às suas idéias. Em *Sobre o sentido e a referência*, Frege faz uma distinção entre o que seria o sentido e a referência de uma proposição. Para ele, o sentido (*Sinn*) é o modo de apresentação do objeto denotado. Já a referência (*Bedeutung*) é aquilo que ela denota, a saber: seu significado, um ‘objeto lógico’, ou seja, um valor de verdade. As frases só seriam, portanto, verdadeiras ou falsas de modo secundário, uma vez que dependem da verdade ou falsidade do que exprimem. Tal distinção entre *Sinn* e *Bedeutung* é relevante, na medida em que explica como uma proposição pode não ser referencial sem ser destituída de sentido e em que ajuda a elucidar a diferença entre enunciados do tipo ‘ $a = a$ ’ e ‘ $a = b$ ’. Sem ela, caso ‘ $a = b$ ’ fosse verdadeiro e os sinais ‘ a ’ e ‘ b ’ indicassem uma mesma referência, não haveria diferença entre ambos os enunciados. Já com a ajuda da referida distinção, ‘ a ’ e ‘ b ’ passam a ser diferentes quanto a seu sentido, o que torna ‘ $a = a$ ’ trivial e ‘ $a = b$ ’ informativa³⁸.

Wittgenstein se afastará dessa concepção ao sustentar que o sentido de uma proposição está relacionado ao fato que corresponderia a ela na realidade, se ela for verdadeira, como especificado anteriormente na passagem de 4.024. Enquanto as proposições possuem um sentido, mas nenhum significado, os nomes possuem um significado, mas nenhum sentido. Os nomes nomeiam, mas uma frase dá algo a entender³⁹. Inspirado nas observações fregianas e valendo-se da ambigüidade

³⁸ Em Kant, a distinção entre juízo analítico e juízo sintético já indica valores cognitivos diferentes para ‘ $a = a$ ’ e ‘ $a = b$ ’. Frege lançará nova luz sobre o assunto com a distinção entre *Sinn* e *Bedeutung*.

³⁹ Essa distinção é herdada do *Sofista* de Platão. Cf. 262 c/d. Também Aristóteles em *De interpretatione* usou a expressão.

do termo *Sinn* que, em alemão, além de sentido quer dizer direção, Wittgenstein defenderá que a negação é uma operação de reversão de sentido, ela muda a direção da proposição. ‘p’ e ‘~p’ afiguram a mesma realidade, só que um diz que as coisas estão de um jeito e o outro diz que elas não estão desse jeito. Este ponto será investigado com mais cuidado na próxima seção deste capítulo.

Como foi mencionado, Wittgenstein defende, no *Tractatus*, que existe uma forma comum entre a estrutura lógica da proposição e a estrutura ontológica do real. A forma lógica de um objeto é a sua possibilidade de participar de certas combinações com outros objetos. Aprender, então, a forma lógica e o significado dos nomes de uma proposição é apreender a *possível* combinação de objetos que ela afigura, uma vez que “a proposição é uma figuração da realidade: pois sei qual é a situação por ela representada, se entendo a proposição”.⁴⁰ (*TLP*, 4.021).

Para Wittgenstein, o que confere sentido a um enunciado é a possibilidade de se afirmar o que se nega e de se negar o que se afirma. Para ele, caracterizar uma proposição como bipolar é entender que a essência da representação proposicional reside nessa escolha entre um dos dois pólos de uma alternativa exclusiva, a saber: afirmar ou negar algo com respeito ao plano das coisas. Se o que afirmo ou nego corresponder à realidade, o que digo é verdadeiro. Se não corresponder, é falso. Nas palavras de Wittgenstein: “o sentido da proposição é a sua concordância e discordância com as possibilidades de existência e inexistência dos estados de coisas”.⁴¹ (*TLP*, 4.2). Nesse contexto, as tautologias são necessariamente verdadeiras e as contradições necessariamente falsas, mas ambas não têm sentido, pois não dizem algo sobre o real. Isso ocorre na medida em que não excluem uma possibilidade genuína, ou seja, são incapazes de expressar aquilo que pretendem excluir. Não são, dessa forma, bipolares. Não ferem, contudo, nenhum princípio da sintaxe lógica. São sem-sentido (*sinnlos*), mas não absurdas (*unsinnig*).

É possível perceber com essas afirmações que é preciso optar entre a necessidade e o sentido, pois ambos são incompatíveis simultaneamente. O absurdo diz respeito a pseudo-proposições. Segundo Hacker, elas não dizem nada, mas também não mostram nada sobre o mundo, nem sobre sua forma, nem sobre

⁴⁰ Original: “Der Satz ist ein Bild der Wirklichkeit: Denn ich kenne die von ihm dargestellte Sachlage, wenn ich den Satz verstehe.”

⁴¹ Original: “Der Sinn des Satzes ist seine Übereinstimmung und Nichtübereinstimmung mit den Möglichkeiten des Bestehens und Nichtbestehens der Sachverhalte.”

seu conteúdo, podendo ser absurdos patentes ou latentes. Os primeiros podem ser identificados imediatamente, uma vez que ferem perspicuamente as leis da sintaxe lógica. Eles, por isso, não causam confusões. Já os segundos podem ser revelados a partir de uma investigação gramatical que nos ajuda a reconhecê-los, uma vez que não são evidentes.

No que diz respeito à filosofia,

a maioria das proposições e questões que se formularam sobre temas filosóficos não são falsas, mas contra-sensos. Por isso, não podemos de modo algum responder a questões dessa espécie, mas apenas estabelecer seu caráter de contra-senso. A maioria das questões e proposições dos filósofos provém de não entendermos a lógica de nossa linguagem.⁴² (TLP, 4.003).

Os limites do discurso significativo não podem ser ditos em proposições filosóficas. Em vez disso, mostram-se na forma lógica das proposições não-filosóficas. A proposição exibe sua forma lógica, mostra seu sentido, e “o que *se* exprime na linguagem, *nós* não podemos exprimir por meio dela”.⁴³ (TLP, 4.121). Segundo Wittgenstein, “há uma essência do mundo que, embora indizível, *mostra-se* como condição e limite do que pode ser dito.” (FAUSTINO, 2006, p. 83). Por tentarem dizer o que só pode ser mostrado, as sentenças da metafísica são absurdas. Baseiam-se em uma má compreensão da sintaxe lógica e acabam produzindo, muitas vezes, absurdos latentes. Segundo Hacker,

most of philosophy does not obviously violate the bounds of sense. It is covert nonsense for, in a way that is not perspicuous in ordinary language to the untutored mind, it violates the principles of the logical syntax of language. Philosophers try to say what can only be shown, and what they say, being nonsense, does not even show what they try to say. Nevertheless, even within the range of philosophical, covert nonsense we can distinguish, as we shall see, between what might (somewhat confusingly) be called illuminating nonsense, and misleading nonsense.⁴⁴ (HACKER, 1986, p. 18-19).

⁴² Original: “Die meisten Sätze und Fragen, welche über philosophische Dinge geschrieben worden sind, sind nicht falsch, sondern unsinnig. Wir können daher Fragen dieser Art überhaupt nicht beantworten, sondern nur ihre Unsinnigkeit feststellen. Die meisten Fragen und Sätze der Philosophen beruhen darauf, daß wir unsere Sprachlogik nicht verstehen.”

⁴³ Original: “Was *sich* in der Sprache ausdrückt, können *wir* nicht durch sie ausdrücken”.

⁴⁴ Minha tradução: “a maior parte da filosofia não viola obviamente os limites do sentido. Trata-se de absurdo latente porque, de uma maneira que não é perspicua na linguagem ordinária para mentes não instruídas, ela viola os princípios da sintaxe lógica da linguagem. Filósofos tentam dizer o que pode ser apenas mostrado, e o que dizem, sendo absurdo, não mostra nem o que tentam dizer. Não obstante, mesmo no alcance do filosófico, o absurdo latente pode ser distinguido, como veremos, entre o que pode (um pouco confusamente) ser chamado de absurdo elucidativo, e absurdo enganador”.

O absurdo enganador é produzido quando, havendo uma falha em apreender as condições de possibilidade da representação, se acredita que se pode dizer o que apenas pode ser mostrado. Já o absurdo elucidativo conduz à apreensão do que é mostrado por outras proposições – que não se pretendem filosóficas. Afinal, não há proposições filosóficas. A filosofia será, para Wittgenstein, uma atividade de elucidação de outras proposições, mas nunca um corpo de proposições filosóficas. Por isso, classificará como ilegítima a metafísica do passado e atestará que “toda filosofia é ‘crítica da linguagem’ ”. ⁴⁵ (*TLP*, 4.0031).

As proposições do *Tractatus*, por sua vez, apesar de também tentarem dizer o que não pode ser dito, se baseiam em uma compreensão correta da sintaxe lógica, podendo ser entendidas como absurdos elucidativos. O estatuto delas receberá atenção especial posteriormente em momento mais adequado.

Além da questão referente à distinção entre o que se pode dizer e o que se mostra, a distinção entre relações internas e externas é igualmente mal compreendida por muitos filósofos ⁴⁶, o que também gera absurdos. “Uma propriedade é interna se é impensável que seu objeto não a possua” ⁴⁷ (*TLP*, 4.123), refere-se ao que é essencial para ele ser o que é. Além disso, como determinam suas possibilidades combinatórias com outros objetos, constituem sua forma lógica. “Podemos, em certo sentido, falar de propriedades formais dos objetos e estados de coisas, ou seja, de propriedades da estrutura de fatos e, no mesmo sentido, de relações formais e relações entre estruturas”. ⁴⁸ (*TLP*, 4.122). Como dizem respeito ao que é essencial, não podem ser expressas com sentido por uma proposição, sendo mostradas apenas quando tais proposições são analisadas. São relações estruturais, pois relacionam proposições, ou proposições e o estado de coisas que representam. Assim como se expressa por meio da linguagem um sentido, mas exprime-se nela sua forma, “a presença de uma propriedade interna em uma situação possível não é expressa por uma proposição, mas exprime-se, na proposição que representa a situação, por uma propriedade

⁴⁵ Original: “Alle Philosophie ist ‘Sprachkritik’.”

⁴⁶ Segundo a proposição 4.122.

⁴⁷ Original: “Eine Eigenschaft ist intern, wenn es undenkbar ist, daß ihr Gegenstand sie nicht besitzt.”

⁴⁸ Original: “Wir können in gewissem Sinne von formalen Eigenschaften der Gegenstände und Sachverhalte bzw. von Eigenschaften der Struktur der Tatsachen reden, und in demselben Sinne von formalen Relationen von Strukturen”.

interna dessa proposição”.⁴⁹ (*TLP*, 4.124). Isso se dá de modo que tanto despossar uma proposição de uma propriedade formal, quanto conferir uma a ela seria um absurdo.

As propriedades externas, por outro lado, são aquelas que não são essenciais. Elas estão relacionadas a um objeto estar realmente combinado em um fato com outro objeto. “Para conhecer um objeto, na verdade não preciso conhecer suas propriedades externas, - mas preciso conhecer todas as suas propriedades internas”.⁵⁰ (*TLP*, 2.01231) Nem todas as proposições relacionam-se verofuncionalmente. Exemplo disso são as proposições elementares. Por serem logicamente independentes, as relações entre elas só podem ser do tipo externas. Os filósofos costumam confundir relações internas, essenciais à coisa, com as relações propriamente ditas, ou seja, atuais, denominadas externas. Como exemplifica Wittgenstein, não é preciso que uma mancha seja vermelha, mas ela deve ter uma cor. A descrição de um objeto é feita por suas propriedades externas.

As proposições lógicas não tratam de nenhuma realidade e não dizem nada, mas demonstram as propriedades lógicas das proposições. Kant, distanciando-se de uma concepção ontológica da lógica como descritiva de um universo de entidades reais ou possíveis, não considera ser suficiente dizer que leis lógicas descrevem todos os mundos possíveis, enquanto leis empíricas descrevem apenas alguns mundos possíveis. Segundo Jacques Bouveresse,

si l'on est d'accord avec Kant, ce qu'il faut dire est plutôt qu'elles [les lois logiques] ne sont pas du tout descriptives, en ce sens qu'elles ne décrivent pas quelque chose qui est extérieur à la pensée et qui pourrait éventuellement être différent, si, par exemple, Dieu avait créé un système différent de possibilités, mais seulement des possibilités qui sont intérieures à la pensée elle-même et constitutives de ce qu'elle est.⁵¹ (BOUVERESSE, 2002, p. 24).

⁴⁹ Original: “Das Bestehen einer intern Eigenschaft einer möglichen Schlage wird nicht durch einen Satz ausgedrückt, sondern es drückt sich in dem sie darstellenden Satz durch eine interne Eigenschaft dieses Satzes aus.”

⁵⁰ Original: “Um einen Gegenstand zu kennen, muß ich zwar nicht seine externen – aber ich muß alle seine internen Eigenschaften kennen.”

⁵¹ Minha tradução: “Se se está de acordo com Kant, aquilo que é preciso dizer é antes que elas [as leis lógicas] não são de todo descritivas, na medida em que elas não descrevem alguma coisa que é exterior ao pensamento e que poderia eventualmente ser diferente, se, por exemplo, Deus tivesse criado um sistema diferente de possibilidades, mas somente de possibilidades que são interiores ao pensamento ele mesmo e constitutivas daquilo que ele é”. Esta passagem aparece em um contexto no qual Jacques Bouveresse está mencionando a posição de Putnam em seus últimos trabalhos com respeito à idéia de que as proposições lógicas não tratam de nenhuma realidade e não dizem nada, sendo consideradas, senão absurdas, ao menos sem-sentido. Putnam retorna a Kant para tentar entender esta idéia.

Embora a lógica não trate propriamente de nada, o que se expressa nela é o que é constitutivo do pensamento em geral.

Pode-se observar que o pensamento, para Wittgenstein, são sentenças em uso, signos proposicionais em sua relação de projeção (enquanto figurações) com o mundo. Ou seja, representamos no pensamento a realidade. A tarefa de crítica da linguagem enquanto delimitação da expressão dos pensamentos caberá à filosofia. “O limite só poderá, pois, ser traçado na linguagem, e o que estiver além do limite será simplesmente um contra-senso”.⁵² (*TLP*, p. 131). Permanece inexplorado, no entanto, um aspecto importante que envolve esse limite que é sua relação com a negação. Como foi apontado, a ambigüidade do termo alemão *Sinn* (sentido) é explorada na interpretação desta. Nela, a negação se refere a uma operação de inversão do sentido ou da direção de um dos pólos (o verdadeiro ou o falso) da proposição. Na seção seguinte deste capítulo, será abordada a questão da unicidade entre uma proposição e sua negação e em que medida ela é uma peça chave para melhor entender tal limite.

2.2 Os limites da negação

Wittgenstein, como mencionado na seção anterior, foi extremamente influenciado pela tradição crítica, sobretudo no que concerne aos limites do conhecimento⁵³. Para Kant, uma intuição só se dá pelas formas da sensibilidade, que são o tempo e o espaço. Ela, sendo sensível, está relacionada a algo que nos afeta. Objetos noumênicos como Deus e alma não sendo espaço-temporais não podem ser matéria de uma intuição e, por isso, também não podem ser matéria de conhecimento, já que este só se dá a partir de intuições e conceitos. Podemos, então, apenas pensar essas idéias, mas jamais conhecê-las. Na *Crítica da razão*

⁵² Original: “Die Grenze wird also nur in der Sprache gezogen werden können und was jenseits der Grenze liegt, wird einfach Unsinn sein.”

⁵³ Cabe notar que no *Tractatus* não há uma epistemologia, no sentido de que para Wittgenstein não há conhecimento do objeto por suas propriedades externas. Sua preocupação é com a proposição, com os limites discursivos e argumentativos, pois é na linguagem que se expressam as propriedades internas do objeto. Contudo, embora um objeto seja determinado por suas possibilidades combinatórias, ele não se reduz a isso, na medida em que dois objetos podem ter a mesma forma lógica e não serem o mesmo. Cf. *TLP*, 2.01231; 2.0233 e SAES, 2003.

pura, Kant defende que “a lógica não pode ir mais longe [além das leis gerais do entendimento e da razão] e quanto ao erro que incida, não sobre a forma, mas sobre o conteúdo, não tem a lógica pedra de toque para o descobrir”⁵⁴ (*CRP*, A 60 / B 85). Sem meio de avaliar seu objeto, reconhece o erro que concerne à forma, ou seja, o que fere a lógica, mas não o erro quanto ao conteúdo. Diante disso, fica mais claro que um pensamento não pode ser ilógico. Jacques Bouveresse sintetiza:

Il n’y a (...) pas de contenu pensable qui puisse violer les lois de la logique, pour des raisons qui tiennent non pas à la nature du contenu en question, mais à celle de la pensée elle-même. La logique, qui détermine la forme de la pensée cohérente, c’est à dire de la pensée tout court, s’applique à tout le pensable, y compris, (...) aux choses qui (...) peuvent seulement faire l’objet d’une pensée, et non d’une connaissance.⁵⁵ (BOUVERESSE, 2002, p. 23).

Também para Wittgenstein, não podemos pensar nada de ilógico. “Podemos muito bem representar espacialmente um estado de coisas que vá contra as leis da física, mas não um que vá contra as leis da geometria”.⁵⁶ (*TLP*, 3.0321). Do mesmo modo, a linguagem não pode representar nada que contrarie as leis lógicas. Um pensamento não pode ser ilógico, pois neste caso não seria um pensamento. Não se pode pensar os dois lados de seu limite.

A lógica preenche o mundo; os limites do mundo são também seus limites. Na lógica, portanto, não podemos dizer: há no mundo isso e isso, aquilo não. Isso aparentemente pressuporia que excluíssemos certas possibilidades, o que não pode ser o caso, pois, do contrário, a lógica deveria ultrapassar os limites do mundo: como se pudesse observar esses limites também do outro lado.⁵⁷ (*TLP*, 5.61).

⁵⁴ Original: “Weiter aber kann die Logik nicht gehen, und den Irrtum, der nicht die Form, sondern den Inhalt trifft, kann die Logik durch keinen Probiertein entdecken”.

⁵⁵ Minha tradução: “Não há (...) conteúdo pensável que possa violar as leis da lógica, por razões que não estão na natureza do conteúdo em questão, mas no pensamento ele mesmo. A lógica, que determina a forma do pensamento coerente, isto é, do pensamento ele mesmo, se aplica a todo o pensável, incluindo, (...) as coisas que (...) podem somente ser objeto de um pensamento, e não de um conhecimento”.

⁵⁶ Original: “Wohl können wir einen Sachverhalt räumlich darstellen, welcher den Gesetzen der Physik, aber keinen, der den Gesetzen der Geometrie zuwiderliefe”. Cf. *TLP*, 3.031 e 3.032.

⁵⁷ Original: “Die Logik erfüllt die Welt; die Grenzen der Welt sind auch ihre Grenzen. Wir können also in der Logik nicht sagen: Das und das gibt es in der Welt, jenes nicht. Das würde nämlich scheinbar voraussetzen, daß wir gewisse Möglichkeiten ausschließen, und dies kann nicht der Fall sein, da sonst die Logik über die Grenzen der Welt hinaus müßte; wenn sie nämlich diese Grenzen auch von der anderen Seite betrachten könnte”.

Para melhor esclarecer a impossibilidade de se ultrapassar esse limite, é preciso explorar a operação de negação. Já em seus *Notebooks*, Wittgenstein anunciava:

Esta sombra que a figuração, por assim dizer, projeta sobre o mundo: como devo compreendê-la exatamente?

Eis aqui um profundo mistério.

É o mistério da negação: Não é assim que as coisas estão, e apesar disso podemos dizer *como* elas *não* estão [ou seja, ‘assim’].

Porque a proposição é apenas a *descrição* de uma situação.⁵⁸ (NB, 15.11.14).

“ ‘ $\sim p$ ’ é verdadeira se ‘ p ’ é falsa. Portanto, na proposição verdadeira ‘ $\sim p$ ’, ‘ p ’ é uma proposição falsa. Ora, como pode o traço ‘ \sim ’ levá-la a afinar-se com a realidade? ”.⁵⁹ (TLP, 5.512). A negação é entendida por Wittgenstein como uma operação de reversão de sentido ou passagem ao seu sentido complementar. É preciso evitar especialmente duas confusões que podem surgir desta afirmação. A primeira é achar que o que corresponde a ‘ $\sim p$ ’, quando verdadeiro, é outro fato positivo diferente, por sua vez, de p . A segunda é considerar que o que corresponde a ‘ $\sim p$ ’, quando verdadeiro, é um estado de coisas negativo ‘ $\sim p$ ’. Na verdade, há uma unicidade entre uma proposição e sua negação, a qual diz respeito ao que é o caso e ao que não é o caso. Segundo Hacker, “it seems as if the proposition *does* something extraordinary. It represents how things are, and also, *mirabile dictu*, how things are *not*.”⁶⁰ (HACKER, 2005b, p. 192).

Anscombe fornece a esta questão uma explicação esclarecedora. Com base na proposição 4.463, ela distingue um sentido positivo e outro negativo da proposição. Segundo ela, “the proposition in the positive sense says: ‘This is how things are’ and in the negative sense says: ‘This is how things aren’t’ – the ‘this’ in both cases being the same: the comparison is a comparison with a picture of the ‘this’ in question.”⁶¹ (ANSCOMBE, 1965, 67). Trata-se do modo como algo está

⁵⁸ Minha tradução da edição em inglês de Anscombe. Original: “Jener Schatten, welchen das Bild gleichsam auf die Welt wirft: Wie soll ich ihn exakt fassen? / Hier ist ein tiefes Geheimnis. / Es ist das Geheimnis der negation: Es verhält sich nicht so, und doch können wir sagen, *wie* es sich *nicht* verhält. - / Der Satz ist eben nur die *Beschreibung* eines Sachverhalts.” Optou-se pela tradução por ‘estão’, no lugar de ‘são’, com o intuito de sublinhar o caráter de contingência envolvido.

⁵⁹ Original: “‘ $\sim p$ ’ ist wahr, wenn ‘ p ’ falsch ist. Also in dem wahren Satz ‘ $\sim p$ ’ ist ‘ p ’ ein falscher Satz. Wie kann ihn nun der Strich ‘ \sim ’ mit der Wirklichkeit zum Stimmen bringen?”

⁶⁰ Minha tradução: “parece que as proposições *fazem* algo extraordinário. Elas representam como as coisas estão, e também, *mirabile dictu*, como as coisas não estão”.

⁶¹ Minha tradução: “a proposição no sentido positivo diz: ‘é assim que as coisas estão’ e no sentido negativo diz: ‘é assim que as coisas não estão’ – o ‘assim’ em ambos os casos sendo o mesmo: a

e do modo como algo não está, sendo este modo o mesmo. A referida comparação é feita a partir da figuração do ‘assim’ (‘this’), deste modo de disposição que estando ou não de acordo com a realidade, tornará a proposição verdadeira ou falsa, respectivamente. Isso é possível por a figuração ter em comum com a realidade sua forma de afiguração. Há um isomorfismo entre a linguagem e o mundo. A natureza pictórica de uma proposição consiste em estar internamente relacionada ao que afigura. Já os elementos da figuração mais do que corresponderem, eles substituem (*vertreten*) nela os objetos. (*TLP*, 2.131).

À proposição pertence tudo que pertence à projeção; mas não o projetado.
Portanto, a possibilidade do projetado, mas não ele próprio.
Na proposição, portanto, ainda não está contido seu sentido, mas sim a possibilidade de exprimi-lo. (...)
Na proposição está contida a forma de seu sentido, mas não o conteúdo.⁶² (*TLP*, 3.13).

Não é possível, inclusive, imaginar uma situação negativa, ou seja, que algo não esteja especificamente de determinado modo, mas somente alguma que existisse em seu lugar. Imaginam-se sempre situações potencialmente efetivas, embora não necessariamente atuais. “A proposição aponta para a *possibilidade* de que algo assim e assim seja o caso. [grifo meu]”⁶³ (*NB*, 11.11.14). O sinal ‘~’ não tem uma contrapartida na realidade. O sentido positivo, mais uma vez, seria conferido à existência e o negativo à inexistência. “À existência de estados de coisas chamamos também um fato positivo; à inexistência, um fato negativo”.⁶⁴

comparação é uma comparação com a figura desse ‘assim’ em questão”. Mais uma vez, optou-se pela tradução de ‘are’ por ‘estão’ e não por ‘são’ para sublinhar o caráter de contingência envolvido.

⁶² Original: “Zum Satz gehört alles, was zur Projektion gehört; aber nicht das Projizierte. / Also die Möglichkeit des Projizierten, aber nicht dieses selbst. / Im Satz ist also sein Sinn noch nicht enthalten, wohl aber die Möglichkeit ihn auszudrücken. (...) / Im Satz ist die Form seines Sinnes enthalten, aber nicht dessen Inhalt”.

⁶³ Minha tradução do inglês. Original: “Der Satz deutet auf die Möglichkeit, daß es sich so und so verhält.”

⁶⁴ Original: “Das Bestehen von Sachverhalten nennen wir auch eine positive, das Nichtbestehen eine negative Tatsache”. A ocorrência da noção de fato negativo no *Tractatus* é considerada problemática devido à impressão que transmite de estar relacionada a uma situação negativa. A solução mais comum para esta questão é entender a referida noção apenas como uma terminologia adotada por Wittgenstein, esvaziando-a de uma maior importância na economia conceitual do *Tractatus*. Cf. PEREIRA, 2006.

(TLP, 2.06). Tudo o que é requerido “for the possibility to be actualized is that their figures be correlated with objects.”⁶⁵ (ANSCOMBE, 1965, p. 67).

Cabe notar que

Against Frege in particular he [Wittgenstein] observed that if the True and the False were objects, and were the arguments of molecular propositions such as ‘ $\sim p$ ’ or ‘ $p \supseteq q$ ’, ‘then Frege’s method of determining the sense of [for example] ‘ \sim ’ would leave it absolutely undetermined’ (TLP, 4.431). For if ‘ \sim ’ were a name of a genuine function the argument of which is one of the two truth-values, then provided that ‘ p ’ (e.g. ‘The sun is cold’) has the same truth-value as ‘ q ’ (e.g. ‘The moon is hot’), ‘ $\sim p$ ’ would have the same sense as ‘ $\sim q$ ’. The argument turns on the extensionality of functions. In such a case each compound proposition merely expresses the thought that the False falls under the concept of negation. For each such proposition determines the True as the value of the same function for the same argument. But this is absurd by Frege’s own lights. For obviously ‘ $\sim p$ ’ is taken to have the same sense as ‘ $\sim q$ ’ if and only if ‘ p ’ has the same sense as ‘ q ’. But if so, then Frege’s explanation of the negation sign does *not* determine its sense.⁶⁶ (HACKER, 1986, p. 41).

Kant distingue a determinabilidade de todo conceito da determinação de uma coisa. Enquanto a primeira está subordinada à universalidade (*universalitas*) do “princípio de exclusão de dois predicados opostos”, a segunda está submetida à totalidade (*universitas*) ou “ao conjunto de todos os predicados possíveis”.

A proposição: *Todo existente está integralmente determinado* significa que, não só cada par de predicados opostos *dados*, mas também de todos os predicados *possíveis*, há sempre um que lhe convém; mediante esta proposição não somente se confrontam logicamente entre si os simples predicados, mas a própria coisa se compara, transcendentemente, com o conjunto de todos os predicados possíveis. Tal proposição equivale a dizer que, para conhecer inteiramente uma coisa, é preciso conhecer todo o possível e desse modo determiná-la quer afirmativa, quer negativamente. A determinação completa é, por conseguinte, um conceito que

⁶⁵ Minha tradução: “para que a possibilidade seja atualizada é que suas figuras estejam correlacionadas com objetos”.

⁶⁶ Minha tradução: “Contra Frege em particular ele [Wittgenstein] observou que, se o Verdadeiro e o Falso fossem objetos e fossem argumentos de proposições moleculares como ‘ $\sim p$ ’ ou ‘ $p \supseteq q$ ’, ‘então o método de Frege de determinação do sentido de [por exemplo] ‘ \sim ’ deixá-lo-ia completamente indeterminado’ (TLP, 4.431)”. Pois, se ‘ \sim ’ fosse o nome de uma função genuína cujo argumento é um dos dois valores de verdade, então dado que ‘ p ’ (por ex. ‘O sol é frio’) tem o mesmo valor de verdade que ‘ q ’ (por ex. ‘A lua é quente’), ‘ $\sim p$ ’ teria o mesmo sentido que ‘ $\sim q$ ’. O argumento depende da extensionalidade das funções. Neste caso, cada componente da proposição expressa meramente o pensamento de que o falso cai sobre o conceito de negação. Pois cada proposição deste tipo determina o verdadeiro como valor da mesma função para o mesmo argumento. Mas isto é absurdo pelas próprias elucidações de Frege. Pois obviamente ‘ $\sim p$ ’ é tomado por ter o mesmo sentido que ‘ $\sim q$ ’ se e somente se ‘ p ’ tiver o mesmo sentido que ‘ q ’. Mas, se for o caso, então a explicação de Frege do sinal da negação *não* determina seu sentido”.

nunca podemos apresentar *in concreto* na sua totalidade e funda-se, pois, sobre uma ideia que reside unicamente na razão.⁶⁷ (CRP, A 573 B 601).

O princípio da determinação completa de uma coisa por dizer respeito a um limite traz à tona a questão da qualidade dos juízos, especialmente a terceira categoria de qualidade, a saber: os juízos infinitos. Enquanto nos juízos afirmativos o sujeito é concebido sob a esfera de um predicado e nos juízos negativos fora desta esfera, nos juízos infinitos o sujeito é “posto na esfera de um conceito que fica fora da esfera de um outro”⁶⁸ (LG, Ak 104), situando-se, assim, na “esfera infinita fora do predicado”⁶⁹ (LG, A 161). Kant observa que “mesmo que a exclusão seja uma negação, ainda assim a restrição de um conceito é uma ação positiva. Donde os limites são conceitos positivos de objetos restringidos”⁷⁰ (LG, A 161). O princípio da determinação completa de uma coisa ao pressupor um “estoque de todos os predicados possíveis” permitiu a Kant introduzir a ideia de um espaço de possíveis, ou, também se pode dizer, um espaço lógico. (NARBOUX, 2009, p. 135). Em Kant,

c'est la *partition* de l'espace logique (autrement dit sa division *exhaustive* en possibilités mutuellement *exclusives* ou contraires) qui, par l'intermédiaire du syllogisme disjonctif, rend possible la détermination complète d'une chose, la détermination positive d'une chose n'étant autre que le *reste* obtenu en formant l'intersection des restes que déterminent une totalité infinie de jugements infinis.⁷¹ (NARBOUX, 2009, p. 137).

⁶⁷ Original: “Der Satz: *alles Existierende ist durchgängig bestimmt*, bedeutet nicht allein, daß von jedem Paare einander entgegengesetzter gegebenen, sondern auch von allen möglichen Prädikaten ihm immer eines zukomme; es werden durch diesen Satz nicht bloß Prädikate unter einander logisch, sondern das Ding selbst, mit dem Inbegriffe aller möglichen Prädikate, transzendental verglichen. Er will so viel sagen, als: um ein Ding vollständig zu erkennen, muß man alles Mögliche erkennen, und es dadurch, es sei bejahend oder verneinend, bestimmen. Die durchgängige Bestimmung ist folglich ein Begriff, den wir niemals in concreto seiner Totalität nach darstellen können, und gründet sich also auf einer Idee, welche lediglich in der Vernunft ihren Sitz hat, die dem Verstande die Regel seines vollständigen Gebrauchs vorschreibt”.

⁶⁸ Original: “(...) wird es <das Subjekt> in die Sphäre eines Begriffs, die außerhalb der Sphäre eines andern liegt, gesetzt”.

⁶⁹ Original: “(...) außer der Sphäre desselben <des Prädikats> in der unendlichen Sphäre”.

⁷⁰ Original: “Obgleich nun die Unschließung eine Negation ist: so ist doch die Beschränkung eines Begriffs eine positive Handlung. Daher sind Grenzen positive Begriffe beschränkter Gegenstände”.

⁷¹ Minha tradução: “é a *divisão* do espaço lógico (dito de outro modo sua *divisão exhaustiva* em possibilidades mutuamente *exclusivas* ou contrárias) que, pelo intermédio do silogismo disjuntivo, torna possível a determinação completa de uma coisa, a determinação positiva de uma coisa não sendo outra senão o *resto* obtido em se formando a interseção dos restos que determinam uma totalidade infinita de juízos infinitos”.

Como mencionado no início desta seção, a “Lógica só tem a ver com a forma do juízo, mas não com os conceitos quanto ao seu conteúdo”, de modo que “a distinção entre os juízos infinitos e os juízos negativos não pertence a esta ciência.”⁷² (LG, A 162). Vale lembrar que Kant está pensando estas distinções com base em uma estrutura proposicional predicativa. Já em Wittgenstein, a proposição é entendida como composta de função e argumento, concebe-a “como função das expressões nela contidas”.⁷³ (TLP, 3.318).

O postulado tractatiano da determinação do sentido é que um sentido proposicional indeterminado não é um sentido proposicional. Isso ocorre na medida em que

as condições de significatividade de uma proposição não podem ser condições de verdade nem dela própria nem de *qualquer outra proposição*. O que esta versão do princípio [de bipolaridade] exclui é que, dada uma proposição dotada de sentido, sejam concebíveis circunstâncias em que ela não fosse nem verdadeira nem falsa. Qualquer que seja a totalidade dos fatos existentes, o que uma proposição enuncia ou pertence a essa totalidade ou não pertence, não há terceira possibilidade. Se uma proposição diz algo, ela o diz em quaisquer circunstâncias concebíveis, se uma proposição tem sentido, devem estar completa e incondicionalmente determinadas suas condições de verdade. (SANTOS, 2008, p. 56).

Como não se pode pensar os dois lados do limite do pensável, ele deverá ser traçado de um ponto de vista interno, por meio de regras da sintaxe lógica que determinem a legitimidade de uma combinação de signos como representativa de um estado de coisas possível. “As regras da sintaxe lógica devem evidenciar-se por si próprias, bastando apenas que se saiba como cada sinal designa”.⁷⁴ (TLP, 3.334).

“Uma figuração pode apresentar relações que não existem! Como isso é possível?”⁷⁵ (NB, 30.9.14). Pôde-se notar que isso se dá na medida em que a proposição aponta para uma situação possível, para o que seria o caso se ela fosse verdadeira. Na tradição esta questão foi formulada como a possibilidade de se pensar o falso. No *Sofista*, um ponto importante para o desenlace deste problema baseia-se na idéia de que

⁷² Original: “So ist die Unterscheidung der unendlichen Von den negativen Urtheilen nicht zu dieser Wissenschaft gehörig”.

⁷³ Original: “(...) als Funktion der in ihm enthaltenen Ausdrücke auf”.

⁷⁴ Original: “Die Regeln der logischen Syntax müssen sich von selbst verstehen, wenn man nur weiß, wie ein jedes Zeichen bezeichnet”.

⁷⁵ Minha tradução do inglês. Original: “Ein Bild kann Beziehungen darstellen, die es nicht gibt!!! Wie ist dies möglich?”

Se [o não-ser] não se misturar [com a opinião e com o discurso], a conclusão forçosa é que tudo é verdadeiro; misturando-se, torna-se possível haver opinião falsa e também discurso falso, pois pensar e dizer que não é: eis o que, a meu ver, constitui falsidade no pensamento ou no discurso.⁷⁶ (PLATÃO, 1980, 260 b-c).

Wittgenstein, por outro lado, dissolve a forma única da questão ‘como pensar aquilo que não é o caso?’. Como bem esclarece Narboux, tanto o *Sofista* quanto o *Tractatus* pretendem resolver “de uma só vez e de um só gesto” o problema da possibilidade de pensar “aquilo que, *de fato*, não é o caso”, o que diz respeito ao “problema do não-ser que levanta mesmo a possibilidade do falso”, e o problema da possibilidade de pensar “alguma coisa *como* não sendo o caso”, o que, por sua vez, concerne ao “problema do não-ser que levanta a possibilidade mesma de negar”. (NARBOUX, 2009, p. 157). Só que o *Tractatus* não pressupõe uma forma comum entre estas duas questões. Unificá-las envolve uma confusão entre a simetria entre afirmação e negação e a assimetria entre verdadeiro e falso. Frege teria ocorrido nela, ao tomar a assimetria entre verdadeiro e o falso como uma assimetria entre afirmação e negação. Essa seria, pelo menos, a suspeita de Wittgenstein. Enquanto o verdadeiro e o falso estão ligados a uma atualidade, de fato é o caso ou não é o caso, a afirmação e a negação estão ligadas à possibilidade de uma situação que pode ser considerada, como já mencionado, em sentido positivo ou negativo.

O pensamento fundamental (*Grundgedanke*) do *Tractatus* é que não há constantes lógicas, no sentido de que elas não desempenham nenhuma função representativa, uma vez que não pode haver elemento representativo da lógica dos fatos.⁷⁷ Para Wittgenstein,

os operadores lógicos, e, em particular, a negação, não funcionam como nomes, como sucedâneos de objetos. A combinação de proposições por meio de operadores lógicos não produz fatos logicamente complexos. A realidade é para Wittgenstein fundamentalmente positiva; toda negatividade pertence à ordem do simbolismo. (PEREIRA, 2006, p. 121).

⁷⁶ Original: “μη μειγνυμένων μὲν αὐτοῦ τούτοις ἀναγκαῖον ἀληθῆ πάντ’ εἶναι, μειγνυμένων δὲ δόξα τε ψευδῆς γίνεται καὶ λόγος: τὸ γὰρ τὰ μὴ ὄντα δοξάζειν ἢ λέγειν, τοῦτ’ ἔστι που τὸ ψεῦδος ἐν διανοίᾳ τε καὶ λόγοις γιγνόμενον”.

⁷⁷ Cf. *TLP*, 4.0312 e 5.4.

Pode-se notar que não há proposições negativas em si, uma vez que a diferença entre uma proposição e a sua negação é a direção. A operação de negação não deixa vestígios de sua aplicação, sendo apenas outra maneira de descrever um fato. “O que nega em ‘ $\sim p$ ’ não é, porém, o ‘ \sim ’, mas o que é comum a todos os sinais dessa notação que negam p . (...) E isso que lhes é comum espelha a negação.”⁷⁸ (*TLP*, 5.512). De fato, “Wittgenstein argued, these sentential operators are not function-names at all.”⁷⁹ (HACKER, 1986, p. 41). Há proposições moleculares, mas não há fatos moleculares, pois não há elemento de ligação entre fatos. Por isso também as proposições elementares serem logicamente independentes. As relações se mostram na tabela de verdade.

A relação afiguradora “consiste nas coordenações entre os elementos da figuração e as coisas”.⁸⁰ (*TLP*, 2.1514). Mas

não faz parte da idéia fundamental de Wittgenstein que uma proposição e sua negação representam (em algum sentido de representar) o mesmo estado de coisas. O verdadeiro enlace de uma proposição com a realidade ocorre através das relações de correspondência e substituição que os signos simples que a compõem mantêm com os objetos simples. (PEREIRA, 2006, p.121).

Um exemplo interessante que sintetiza e deixa essas questões mais claras é o do professor que pede ao aluno que faça um desenho que corresponda à afirmação ‘o gato não está sobre da mesa’. (PEREIRA, 2006). Primeiramente, o aluno desenha um gato ao lado da mesa e é repreendido pelo professor que diz que não foi o que ele lhe pediu. Afinal, de que o gato não se encontra em cima da mesa não se segue que ele esteja ao lado dela. Em nova tentativa, o aluno desenha um gato em cima da mesa, o que, inicialmente, faz o professor achar que ele está desenhando exatamente o contrário do que foi pedido, mas depois o aluno faz um grande ‘x’ sobre a figura desenhada. Cabe notar que o ‘x’ não corresponde a nada na situação, podendo o desenho do gato sobre a mesa servir tanto para a elucidação de um sentido proposicional positivo quanto um negativo. O ‘x’ desempenharia o papel da negação. Fica mais fácil de perceber também em que

⁷⁸ Original: “Das, was in ‘ $\sim p$ ’ verneint, ist aber nicht das ‘ \sim ’, sondern dasjenige, was Allen Zeichen dieser Notation, welche p verneinen, gemeinsam ist. (...) Und dies Gemeinsame spiegelt die Verneinung wieder”.

⁷⁹ Minha tradução: “Wittgenstein argumentou que esses operadores sentenciais não são de todo funções de nomes.”

⁸⁰ Original: “(...) besteht aus den Zuordnungen der Elemente des Bildes und der Sachen”.

medida há uma relação interna entre o sentido de uma proposição negativa e o sentido da proposição que ela nega.

Percebe-se, diante disso, a necessidade de se evitar um dualismo ‘positivo-positivo’ (NARBOUX, 2009. *Apud.* GEACH), como o das duas possíveis confusões de leitura da negação como operação de reversão mencionadas anteriormente nesta seção, uma vez que ele parece remeter a duas configurações diferentes. Já um dualismo ‘positivo, negativo’, em que ‘p’ diz que as coisas estão de uma maneira e ‘~p’ diz que elas não estão desta maneira, permite, de modo menos problemático, que se fale apenas de uma configuração.

A recusa de conceder à operação de negação uma realidade própria pode ser entendida tanto como a ausência de uma entidade que corresponda à negação quanto como a ausência de uma entidade complexa ou estado de coisas correspondente à negação verdadeira de uma proposição elementar. (NARBOUX, 2009). Outro modo de entender tal recusa é reduzir a negação a uma operação não lógica de subtração, a qual só faz sentido na medida em que toda a realidade, enquanto totalidade das configurações possíveis dos objetos, logo a totalidade dos objetos, é dada. Satisfeita esta condição, é possível subtrair em bloco o conjunto de todas as configurações de objetos que não são o caso. Esta modalidade não inferencial de determinação parece permitir reduzir a noção ontologicamente pesada de fato negativo à noção única de estado de coisas não existente. Narboux questiona se isso seria uma boa maneira de entender o caráter primitivo da negação, enquanto operação de inversão do sentido. Afinal, isso significaria “jogar fora o bebê (a noção de fato negativo) com a água do banho (a noção de estado de coisas negativo)”. Inclusive, embora nada corresponda na realidade à negação, não há realidade sem negação.

Nesta questão está em jogo o lugar lógico da proposição negativa. Embora ela se situe fora do lugar lógico da proposição negada, a proposição negativa depende dele para determinar o seu lugar lógico. “Duas proposições são opostas uma à outra caso nada tenham em comum uma com a outra; e toda proposição tem apenas uma negativa, porque há apenas uma proposição que está inteiramente fora dela”.⁸¹ (TLP, 5.513). É importante distinguir dois sentidos de totalidade residual.

⁸¹ Original: “Zwei Sätze sind einander entgegengesetzt, wenn sie nichts miteinander gemein haben, und: Jeder Satz hat nur ein Negativ, weil es nur einen Satz gibt, der ganz außerhalb seiner liegt”.

(NARBOUX, 2009). Um deles é o de uma totalidade residual que pode ser proveniente da totalidade do que é o caso e da totalidade do que não é o caso. Outro sentido completamente diferente é o da radical contingência daquilo que é, no sentido de sua independência lógica de qualquer fato (da totalidade residual de outros fatos), ou seja, uma independência lógica mútua de estados de coisas. (TLP, 2.061). Ou seja, “da existência ou inexistência de estados de coisas não se pode concluir a existência ou inexistência de outro”.⁸² (TLP, 2.062). Este é outro fator que ajuda a entender a unicidade entre uma proposição negativa e a proposição que ela nega, como no exemplo do gato sobre a mesa.

Além disso, tal independência lógica é possível porque o mundo tem substância, do contrário “ter ou não sentido uma proposição dependeria de ser ou não verdadeira uma outra proposição”.⁸³ (TLP, 2.0211). O mundo tem uma substância que são os objetos. A forma de objetos simples é a possibilidade de seu aparecimento em estados de coisas. Os objetos constituem o que é fixo, enquanto a configuração o que é variável. O fixo é um âmbito de possibilidades. Por isso, “um mundo imaginário, por mais que difira do mundo real, deve ter algo – uma forma – em comum com ele”.⁸⁴ (TLP, 2.022). A substância só determina a forma e não as propriedades materiais constituídas pela configuração dos objetos, as quais são apenas representadas pelas proposições. (TLP, 2.0231). Pode-se dizer, então, que as configurações no espaço lógico, neste âmbito de possibilidades, são contingentes. Posso negar uma situação, mas não o âmbito de combinações concebíveis. Só posso pensar outros mundos a partir das categorias deste. Não posso negar o espaço lógico. Não posso perguntar a respeito de algo não verificável, como, por exemplo, ‘por que há antes alguma coisa e não o nada?’. Afinal, esta questão pressupõe um ponto de vista impossível externo ao espaço lógico. Ou seja, “para podermos representar a forma lógica, deveríamos poder-nos (*sic*) instalar, com a proposição, fora da lógica”.⁸⁵ (TLP, 4.12).

⁸² Original: “Aus dem Bestehen oder Nichtbestehen eines Sachverhaltes kann nicht auf das Bestehen oder Nichtbestehen eines anderen geschlossen werden”.

⁸³ Original: “(...) so würde, ob ein Satz Sinn hat, davon abhängen, ob ein anderer Satz wahr ist”.

⁸⁴ Original: “(...) eine von der wirklichen noch so verschieden gedachte Welt Etwas – eine Form – mit der wirklichen gemein haben muß”.

⁸⁵ Original: “Um die logische Form darstellen zu können, müßten wir uns mit dem Satze außerhalb der Logik aufstellen können, das heißt außerhalb der Welt”.